

O circuito escolar do fracasso

Belo Horizonte — Flávia Ribeiro

Doutora em Educação diz que a escola marginaliza e discrimina estudantes

Lúcia Helena Gazolla

BELO HORIZONTE — O “circuito do fracasso”, em que é jogada a criança brasileira que não obtém bom resultado na primeira série do 1º grau, marginaliza, discrimina e não oferece retorno, ao deixá-la no ensino especial, onde nem mesmo é alfabetizada, ou ao simplesmente excluí-la da escola. A afirmação é da psicóloga Elza Cataldo, doutora em Ciência da Educação pela Sorbonne. Em sua tese de doutorado, defendida naquela universidade francesa, Cataldo afirma, ao contrário do que muitos acreditam, que o fracasso escolar não é causado por incapacidade do aluno, mas produzido pela própria escola.

— Não se pode desvincular o fracasso escolar das questões estruturais da sociedade brasileira. A grande maioria dos fracassados vem das camadas mais baixas da população, que têm condições de vida e cultura muito diferentes das que a escola veicula. A criança que recebe o discurso da classe dominante, repassado pela escola, não tem como se adaptar e é excluída — denunciou a psicóloga, que acredita que o fracasso, em última análise, é mais uma forma de discriminação social. Ela lembrou também que a inadequada formação dos professores — que “nem ao menos conhecem o processo de aprendizado infantil” — e suas más condições de trabalho são outros determinantes do fracasso escolar.

Elza Cataldo, que é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), disse que, nas escolas brasileiras, o momento da alfabetização (a primeira série do 1º grau) é decisivo para a escola considerar o aluno apto ou inapto para o processo de aprendizagem.

— É como se a alfabetização fosse um termômetro da capacidade da criança — explicou. Se ela obtiver sucesso, conseguindo se alfabetizar, ficará no sistema “normal” de ensino. Se não, será jogada nas classes especiais, dentro de sua própria escola, ou nas escolas especiais, para os casos considerados mais graves, onde se limitará a fazer exercícios psicomotores repetitivos e sem novidade, e onde não terá acesso à alfabetização, segundo Elza Cataldo.

Estas duas “soluções” encontradas pela escola brasileira para enfrentar o fracasso institucionalizam o “espaço da normalidade”, no sistema regular de ensino, e o “espaço da negação da aprendizagem”, de onde a criança



Elza Cataldo, doutora pela Sorbonne

não consegue voltar para o curso regular, segundo a psicóloga.

— As classes e escolas especiais são quase que um depósito de alunos que fracassaram e não terão mais acesso à escola normal — comparou Elza Cataldo. Ela acredita que, se a política educacional fosse diferente, e se se preocupasse em integrar aquelas crianças à escola regular, dando-lhes uma atenção especializada, para que pudessem superar os problemas que dificultam seu aprendizado, elas seguramente conseguiriam aprender.

Às voltas, atualmente, com uma pesquisa financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), sobre o momento em que se produz a dificuldade de aprendizagem, Elza Cataldo disse que a compreensão, pelos professores, das causas que levam o aluno a ter dificuldade em aprender é o passo inicial para sua integração no sistema regular de ensino. Lembrou que os dados de evasão e repetência na primeira série do 1º grau no Brasil são altos. Citou, como exemplo, dados das escolas mineiras entre 1973 e 1980, que demonstram, ano a ano, que cerca de 50% dos alunos que se matriculam na primeira série do 1º grau não chegam à segunda série.

Em Minas, nos últimos anos, esse problema foi resolvido de forma simplista, agrupando-se as primeiras e segundas séries. Assim, todas as crianças são automaticamente promovidas à segunda série, eliminando-se a repetência na primeira e garantindo-se, a cada ano, as vagas para as que completam 7 anos de idade.